

CAPÍTULO VIII – MENTE TÃO DOMINANTE QUE NÃO DÁ AO CORAÇÃO A CHANCE DE FALAR

Marozia viveu um estranho estado de espírito nos dias que se seguiram. Seus problemas pareciam, de repente, insolúveis por qualquer meio que ela tivesse ao seu alcance. A estranha influência daquela noite de festa persistia nela, por mais que tentasse afastá-la. O feitiço, tecido de forma tão sutil, refletia-se em seu íntimo, atormentando-a duplamente. Ela não conseguia apagar da memória aquele instante em que sentiu sobre si o olhar de basilisco. Por vezes, sentia apenas profunda aversão e desprezo pelo homem que adquirira aquela influência inexplicável sobre ela. Mas, num relance, as espirais irresistíveis voltavam a envolver seus sentidos. Ela ficava muda, tomada pelo horror e pelo mistério de tudo aquilo.

Passou-se um mês repleto de eventos sociais nos quais Claude Rathburn figurava com destaque. Ele era a sombra de Marozia; por mais que ela tentasse, não conseguia escapar dele. Então, de repente, a popularidade dela começou a declinar. Ela fora a alma de todas as reuniões sociais — sua vivacidade e originalidade, seu espírito cativante e humor peculiar lhe haviam conquistado admiração e um certo séquito de seguidores. Ela possuía um grande charme magnético e, aliada à sua força e postura, havia uma doçura e uma graça de alma irresistíveis. Claude Rathburn estava agora perdidamente apaixonado por ela e decidido a não deixar que nada impedisse seus esforços para conquistá-la como esposa. Mas a popularidade é tão efêmera quanto a fama e a honra. Depende de tantas contingências. Ela não mudou, mas os caprichos de seus conhecidos, sim. Na opinião dela, eram apenas conhecidos — não amigos. Amizade é um nome sagrado demais para ser aplicado àquelas excrescências que brotam num dia e murcham com a mesma rapidez. O ciúme era a causa subjacente do recente declínio de sua popularidade. Decidiu-se, naqueles encontros regados a chá, que as outras moças não teriam a menor chance enquanto Marozia estivesse tão em evidência; portanto, ela precisava

ser deixada de lado. A família Watson tomou a iniciativa ao organizar uma excursão ao Lago Otsego e excluí-la do grupo. Foi uma atitude ousada para aquela pequena comunidade, mas eles não pensavam a longo prazo — eram incapazes de tal dispêndio de energia mental.

Elas se parabenizaram pela jogada de mestre e planejaram um golpe no qual a riqueza e a ostentação de trajes luxuosos desempenhariam um papel de destaque — sendo Claude Rathburn o prêmio.

Na manhã do dia decisivo, do qual as “candidatas” tanto esperavam, Marozia estava sentada sozinha sobre sua rocha no prado, em profunda meditação. Como vinha acontecendo ultimamente, sua Mente estava voltada para as suas múltiplas dificuldades. “O que devo fazer?”, exclamou ela em voz alta, depois de analisar a situação sob todos os ângulos. Uma voz ao seu lado respondeu:

– “Eu lhe direi, se você quiser ouvir! Posso lhe dar a ‘Pedra de Roseta’ que lhe permitirá decifrar os estranhos hieróglifos da vida! Caso contrário, você tateará no escuro em vão!”.

Tomada por um espanto imenso, ela olhou na direção da voz e viu Claude Rathburn. Levantando-se rapidamente, exclamou, consternada:

– “Pensei que você tivesse ido com o grupo!”

– “Você acha que eu iria sem você? Quando, no último instante, soube que você não faria parte do grupo, simplesmente desapareci!”. Ela ergueu as mãos para se proteger daqueles olhos terríveis, mas ele as segurou.

– “Marozia, você sabe que a amo acima de tudo!”

– Por que você procura me evitar? Não vai adiantar nada... você deve ser minha esposa!

– “Nunca, nunca!”. Ele a obrigou a olhar para ele e, ao fixar os olhos no rosto dela, ela vacilou novamente.

– “Marozia?” – O nome foi sussurrado em um sussurro baixo e sibilante.

– “Marozia?”, ele repetiu. Mesmo assim ela não respondeu, mas o feitiço estava tomando conta dela novamente e enquanto ela desejava escapar, sentiu-se impotente para se mover.

– “Você será minha esposa?” – O tom era mais uma ordem do que uma súplica.

– “Não, mil vezes não!” – Ainda assim, os olhos dele estavam fixos nos dela e ela desmaiou.

– “Perdoe-me! Mal sei o que estou dizendo, mas...

– “Sim, entendo! Você está animado, mas sei o que seu coração diria! Você me ama, só que sua Mente é tão dominante que não dará ao Coração a chance de falar!

– Deixe falar agora e você não se arrependerá!”. Com um esforço violento, ela soltou as mãos e desviou os olhos. “Eu não te amo, eu te abomino! Deixe-me imediatamente!”

Ela ergueu novamente os olhos para o rosto dele e sentiu o controle sobre a própria vontade vacilar. Então, uma dúvida sobre si mesma a dominou. Estaria o intelecto em conflito com o coração e os direitos deste? Seria ela intelectual demais para amar? Sua Mente dominante a estaria impedindo de alcançar uma possível felicidade? Novamente, a voz dele suplicou:

– “Só o amor satisfaz! O Coração, e não a Mente, deve ser a voz decisiva! Sua mentalidade é imperiosa demais para se curvar ao seu legítimo soberano!”

Ela sentiu-se ceder novamente ao feitiço — aquele estranho feitiço que se apoderava dela aos poucos.

– “Marozia, você quer ser minha esposa?” — ouviu-o suplicar em um tom baixo e magnético. Seus olhos brilhavam com uma espécie de triunfo sutil. Ele tentou puxá-la para perto, mas ela se desvencilhou bruscamente mais uma vez. Pressionando as mãos sobre os olhos, ela recuperou a compostura.

– “Não — não — mil vezes não!”, repetiu ela, como antes.

O esforço de vontade rompeu o feitiço, e cada palavra serviu de estímulo à sua determinação. Uma expressão estranha cruzou-lhe o rosto; um observador atento poderia ter discernido nela uma mistura de fúria impotente e vexame. Ela não ousou olhar novamente para o rosto dele. Enquanto se apressava pelo caminho verdejante, sentia-se como uma rosa após uma criatura viscosa ter rastejado sobre o seu doce coração branco. Ansiava por escapar, por apagar a mancha deixada em sua consciência imaculada. Sabia — ela, que era ao mesmo tempo menina e mulher — que o amor não deixaria tal mácula; que uma natureza elevada e pura não imprimiria tal marca na sua. Ouviu-o chamar por ela:

– “Marozia!”. Sua voz estava próxima.

– “Se você imagina que eu abandono um propósito tão friamente assim, está enganada sobre a minha natureza! Eu nunca vou desistir de você!”

– “Por favor, me deixe”, ela implorou, “Eu só quero esquecer!”

– “Suas palavras são uma confissão! Elas implicam que há algo a ser esquecido!”. Uma onda de vergonha ruborizou o rosto dela.

– “Não! Eu não poderia te amar e não me casaria a menos que pudesse te amar com todo o meu coração e alma!”

– “Por todos os poderes existentes, você vai me amar assim!”, ele exclamou com uma veemência surpreendente.

– “Eu não vou! Eu não faria isso mesmo se pudesse. Isso me mataria!”

Mesmo enquanto falava, temia que o feitiço retornasse.

– “Então você brincou comigo, Marozia Remington, e pagará por isso!”.

De repente, a doce frescura da manhã havia desaparecido de sua vida.

– “Foi assim que Eva se sentiu depois que a serpente a deixou?”, perguntou.

– “Mas o que eu fiz para merecer esse sentimento de culpa? Nada conscientemente, mas tudo parece ter mudado!”

Mais tarde, ela soube o porquê. Quando compreendeu melhor os Ensinamentos Rosacruz, soube que existiam vários tipos de vampiros. Hoje, ela não sabia como os Éteres do Corpo Vital podiam ser usados para servir a algum fim vil e egoísta, e o mistério da experiência a aterrorizava.

Dia após dia, suas perplexidades se aprofundavam, e seu pai tornava-se mais silencioso e preocupado. Ele não havia ficado ocioso, mas seus esforços foram inúteis; as probabilidades jogavam fortemente contra ele. A única coisa que lhe trazia algum consolo era a atitude de Marozia em relação a Claude Rathburn. Isso estava em harmonia com sua própria percepção íntima. Ele sentia intuitivamente que tal união não poderia resultar em felicidade para Marozia. Sabia que ela precisava de muito mais lealdade amorosa e verdade do que a jovem comum, pois ela mesma oferecia muito mais. Com sua Mente brilhante e perspicaz, sua natureza profundamente analítica e seu temperamento artístico, ela era rica em potencialidades. Poucos homens estariam à altura de seus padrões elevados, mas feliz seria aquele que pudesse ser o seu cavalheiro!

Seus padrões não eram impostos arbitrariamente de fora — como as convenções sociais —, mas eram inerentes à sua própria natureza sublime. Eles nasciam de suas convicções íntimas e eram formados pela substância do plano em que sua consciência estava centrada. Suas convicções eram parte integrante de seu ser. Cálculos materialistas e mercenários sempre lhe causavam profunda repulsa; no entanto, esse era justamente o aspecto que tingia todo o pensamento de Claude Rathburn. Ele se cercava de uma aura através da qual pensamentos elevados e nobres jamais conseguiam penetrar.

Nessa fase, ela não havia racionalizado a questão, mas sentia instintivamente a falta de harmonia entre eles. Contudo, exercia-se pressão de todas as esferas para unir a vida dela à dele.

Enquanto Ralph Remington observava com aprovação a atitude de sua filha em relação a Claude Rathburn, ele aguardava o momento crítico de seus negócios.